

A Formação Territorial do distrito do Jardim Ângela: o ensino de conceitos geográficos a partir da cartografia e do espaço vivido.

Wellington Domingos Pereira da Silva¹

Resumo:

O texto tem como ideia central a crença de que a elaboração de matérias didáticas acerca do espaço vivido pelo aluno proporcionará uma maior e melhor compreensão, por parte deste, dos fenômenos espaciais que ocorrem ao seu redor. Neste plano, reconhece que os avanços ocorridos na área de cartografia escolar, mesmo com significativas contribuições, ainda tem-se o processo de aprendizagem com mapas caminhando bem lentamente. Assim, nossa pesquisa caminha na busca de atenuar as dificuldades encontradas em sala de aula, principalmente pelos professores da disciplina de geografia, pois tem como objetivo central a realização da Formação territorial do Jardim Ângela (distrito da zona sul do município de São Paulo)

Palavras-chave: Formação territorial; Cartografia Escolar; Espaço Vivido; processos espaciais.

Resumen:

El texto tiene la idea central de la creencia de que el desarrollo de materiales educativos sobre el espacio vivido por el estudiante y proporcionar una mayor comprensión por parte de éste, los fenómenos espaciales que ocurren a su alrededor. Este plan reconoce que los avances en el campo de la cartografía escolar, incluso con aportes significativos también tiene los mapas de procesos de aprendizaje para caminar muy lentamente. Por lo tanto, nuestra investigación va en busca de mitigar las dificultades encontradas en el aula, principalmente por profesores de geografía, que tiene como objetivo central el logro de la formación territorial de Jardim Angela (distrito de la zona sur de São Paulo)

Introdução

¹ Mestrando da Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” Campus De Rio Claro (UNESP-Rio Claro) – Departamento de Geografia.

Em diversas pesquisas acadêmicas tem sido mostrada a importância que os mapas têm perante o ensino de geografia. No entanto, é evidente, tanto no plano teórico quanto em observações empíricas – em ambiente escolar -, que há uma grande dificuldade de aprendizagem com e pelos mapas.

Para Martinelli (1999) isso tem a ver com o fato de os mapas serem usados – no ensino fundamental, médio e superior – somente como instrumentos ilustrativos.

Além disso, nos coloca Fonseca (2004) há um descompasso entre a Geografia e a Cartografia. Enquanto aquela vem passando por um processo de renovação (desde os anos 1970, essa nova vertente começou ser denominada de Geografia Crítica), esta não conseguiu acompanhar esta renovação. Desta maneira, tornou-se defasada. Isto fica mais claro quando se analisa a produção cartográfica atual, que não tem dado conta de cartografar a produção relacional do espaço geográfico. Isso ocorre devido a inflexibilidade do mapa: naturalizações da base territorial (euclidiana), das projeções.

Caminhando neste sentido, Richter (2004) mostrou que deficiências no ensino do e pelo mapa vem desde a formação de professores das séries iniciais, onde deveria haver uma alfabetização cartográfica. A deficiência verificada por este autor reside no fato da formação insuficiente destes profissionais no que toca aos conhecimentos do processo de alfabetização cartográfica, bem como do domínio dos conteúdos cartográficos e geográficos a serem abordados nestas séries. Isso se torna evidente quando coloca que esses professores, das séries iniciais

[...] não conseguem fazer uma integração entre esta teoria com as práticas escolares do ensino do mapa, no sentido de formar alunos usuários e mapeadores, conhecimentos e habilidades para a leitura de mundo. Estes fatos resultam em ações distantes, fragmentadas e incoerentes com os avanços teóricos sobre a Alfabetização Cartográfica (RICHTER, 2004, 10).

Analisando a formação do professor que constrói o pensamento geográfico na parte do ensino básico que contém uma disciplina específica de Geografia, percebe-se uma lacuna no que se refere ao

conhecimento da Cartografia. É nítida a desvalorização deste conteúdo: fica restrita somente a aproximadamente duas ou três disciplinas que discutem esta Ciência. Além do mais, são estudados primordialmente uma parte específica da Cartografia Sistemática.

Diante disso, e somado ao abandono que a Geografia promoveu à Cartografia, tem-se as condições atuais.

Mesmo assim, nas décadas de 1980 e 1990 floresceu o ramo da Cartografia Escolar, cuja valorização era eminentemente processo de alfabetização cartográfica e espacial nas séries iniciais. Para tanto, Almeida & Passini (1986), colaboraram, baseadas na obra de Jean Piaget, sobre os processos cognitivos pelo qual aprendem os alunos destas séries.

Mesmo com esses avanços verifica-se que esse processo caminha ainda de maneira bem lenta, pois, a partir de diagnósticos sobre os conhecimentos cartográficos básicos, percebe-se uma defasagem nos ciclos mais avançados do Ensino Fundamental e também nas séries do Ensino Médio.²

Os conhecimentos cartográficos são colocados, portanto, como estanques numa série do ensino fundamental, geralmente quinta série, num determinado capítulo; depois de trabalhado este capítulo referente à Cartografia (contendo escalas, projeções, coordenadas, orientação), este assunto não é tratado mais em sala de aula. Portanto, nos mapas que se seguem no livro desta série, bem como das séries posteriores, se fixam como mapa-ilustração.

É neste sentido, que são dadas as contribuições para o pouco aprendizado sobre o espaço e sobre os produtos cartográficos.

Mas, é necessário colocar que os conhecimentos cartográficos adquirem crucial importância, na obra de Lacoste (2007), uma vez que esse autor ressalta que são os conhecimentos relacionados ao espaço se configuram num temível instrumento de poderio para quem detém o poder, ou

² Esta análise foi realizada a partir de aulas na Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo.

seja, a articulação dos conhecimentos relativos ao espaço, que é a geografia, é um saber estratégico, um poder. Desta forma este autor reitera que

Muito mais que uma série de estatísticas ou que um conjunto de escritos, a carta é a forma de representação geográfica por excelência; é sobre a carta que devem ser colocadas todas as informações necessárias para a elaboração de táticas e de estratégias. Tal formalização do espaço, que é a carta, não é nem gratuita, nem desinteressada: meio de dominação indispensável, de domínio do espaço, a carta foi, de início criada por oficiais e para os oficiais. A produção de uma carta, isto é, a conversão de um concreto mal conhecido em uma representação abstrata, eficaz, confiável, é uma operação difícil, longa e onerosa, que só pode ser realizada pelo aparelho de Estado e para ele. A confecção de uma carta implica num certo domínio político e matemático do espaço representado, e é um instrumento de poder sobre esse espaço e sobre as pessoas que ali vivem (LACOSTE, 2007, 23).

Não se pode, ingenuamente, fazer uma análise desarraigada das tramas das relações sociais, ou seja, de como está estruturada a sociedade capitalista. Neste ínterim, percebe-se que, como retrucou Santos (2007), o espaço é limitado; e são as limitações quem determinam, ou influenciam/direcionam, a apreensão do conhecimento que cada classe deve adquirir. Assim,

[...] A atividade econômica e a herança social distribuem os homens desigualmente no espaço, fazendo com que certas noções consagradas, como a rede urbana ou a d sistemas de cidades, não tenha a validade para a maioria de pessoas, pois o seu acesso efetivo aos bens e serviços distribuídos conforme a hierarquia urbana depende se seu lugar socioeconômico e também de seu lugar geográfico (SANTOS, 2007, 11)

Portanto a Cartografia assume, atualmente, uma maior relevância no âmbito da ciência geográfica, inclusive, no que toca à disciplina de geografia no ensino básico. Essa relevância se dá pelo fato de a ciência cartográfica estar voltada a representação de fenômenos, os quais a ciência geográfica aborda. Desta forma, ambas as ciências vêm caminhando juntas desde longa data, e a partir de meados do século XX, quando da introdução de geotecnologias (com adventos de imagens de satélites, fotografias aéreas)

para a representação cartográfica, esse fator pode aperfeiçoar as representações dos fenômenos, bem como auxiliar nas suas análises.

Diante disso, concorda-se com Ruy Moreira³ quando discorre sobre a importância da cartografia para os estudos geográficos, colocando que a Geografia sem Cartografia é conteúdo sem forma.

Sendo assim, a utilização de mapas, principalmente os de escalas grandes – que represente o distrito -, assim como outros tipos de representação do espaço geográfico, é de fundamental importância para o aprendizado sobre os processos espaciais referentes ao espaço vivido dos alunos.

Por isso, neste trabalho, têm-se como objetivos contribuir com a aprendizagem sobre os processos espaciais do espaço vivido de alunos do Ensino Médio.

Base Teórica:

A produção acadêmica muito tem contribuído no caso particular da ciência geográfica, tanto no que toca a estudos sobre o objeto de pesquisa desta ciência e suas categorias de análise, quanto, ao que se refere a área de ensino, metodologias e avanços sobre o aprendizado em sala de aula.

No entanto, é necessário que se diga que, mesmo com todo o imperioso avanço que se tem realizado, muito ainda há por fazer, ou seja, verifica-se uma lacuna muito grande quando se observa as condições de aprendizagem da disciplina geográfica no ambiente escolar.

Isso é decorrente de diversos fatores como questões estruturais permeadas na educação formal, cujos reflexos também são vistos nos diversos setores da sociedade. Neste sentido, vê-se que a formação dos professores que atuam nos Ensinos Fundamental e Médio é dada, na grande maioria destes profissionais, por universidades particulares que em sua maioria não estão preocupadas com o movimento de renovação que a Geografia

³ Palestra dada em novembro de 2004 na Universidade Estadual Paulista, Campus de Ourinhos.

vivência desde final da década de 1970 - como discute Oliva (2007). Outro ponto, não menos importante, é ou pouco investimento dado a formação continuada do professor, além de questões como super-lotação de salas de aula, baixos salários e a baixa perspectiva, por parte dos profissionais, de um plano de carreira, entre outras questões que permeiam o ensino público no Brasil.

No entanto, este projeto de pesquisa atenta para uma questão, que não é menos importantes do que as outras aqui apresentadas, mas que também é crucial para o avanço do ensino-aprendizado dos alunos na disciplina geográfica, que são os materiais didáticos voltados para a realidade do aluno, seu espaço de vivência.

Como analisado em pesquisas anteriores⁴, materiais didáticos sobre o espaço vivido dos alunos é raridade em ambiente escolar, principalmente mapas, maquetes, livros. A escala da discussão dos livros didáticos utilizados nas escolas se atém a generalizações sobre os estudos geográficos, omitindo, portanto, assuntos sobre o espaço vivido. Desta forma, o espaço vivido pelos alunos são revelados como meros pontos nos mapas dos livros didáticos.

Isso pode ser visto, por exemplo, quando se trabalha assuntos sobre os problemas urbanos das metrópoles brasileiras. O conteúdo encontrado no livro traz uma generalização desses problemas como as questões relacionadas aos congestionamentos, ao saneamento básico, a dificuldade de acesso à saúde, a dificuldade de acesso à escola, o aumento da violência, a dificuldade de acesso à moradia (autoconstrução, barracos, favelas, palafitas), entre outros. A partir destas generalizações mostram-se, nestes livros, fotografias de uma “ocupação irregular” de um morro do Rio de Janeiro. Diante disso, percebe-se que o aluno deve ter um poder de abstração muito grande para relacionar o assunto abordado com sua realidade; ou fica-se

⁴ Pesquisa de iniciação científica realizada com financiamento da FAPESP (O ESPAÇO VIVIDO, O ESPAÇO PERCEBIDO: A IMPORTÂNCIA DO ATLAS MUNICIPAL ESCOLAR PARA O ESTUDO DO LUGAR - processo: 2007/00759-6), que serviu de base para o Trabalho de Conclusão de Curso (ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL DE OURINHOS-SP: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO LUGAR).

para responsabilidade do professor estudar e criar seus próprios materiais, se for sua vontade fazer a abordagem sobre o espaço vivido dos alunos. Não há, portanto, materiais que subsidiam o processo de ensino-aprendizagem sobre o espaço vivido. Não há, no ambiente escolar, mapas com escalas grandes sobre o município, sobre o bairro, não há maquetes, não há livros.

Para tanto, este projeto de pesquisa vai de encontro à realidade encontrada no ambiente escolar. Pretende-se com ele suscitar discussões, no âmbito da disciplina de geografia, relacionadas ao espaço vivido dos alunos da E.E. Pastor Cícero Canuto de Lima, localizada no Morro do Índio, bairro do distrito do Jardim Ângela, Zona Sul de São Paulo. Diante disso, é crucial o conhecimento dos processos espaciais perante a Formação Socioespacial deste distrito, bem como a elaboração de materiais didáticos que auxiliem para o aprendizado do espaço vivido.

Sendo assim, é legítimável incluir no currículo escolar um material que leve o aluno, no processo de ensino aprendizagem, à compreensão das espacialidades e historicidades do lugar, para que este possa ter participação ativa e propositiva na desconstrução/reconstrução do espaço.

Sobre esta temática Callai (2005) enfatiza que é na “força do lugar” que melhor ocorre o processo de leitura de mundo, pelos alunos, uma vez que:

[...] compreender o lugar, em que se vive, portanto, encaminha-os a conhecer sua história, sua memória e procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo (CALLAI, 2005, 235).

Assim, ler o espaço, a paisagem, o lugar pelos quais transitam, os caminhos que percorre cotidianamente, tecem as “relações de pertencimento”⁵ do aluno com o lugar. Ou seja, “[..]o aluno é parte do lugar em que vive e o lugar é parte de sua subjetividade, sua leitura de mundo é a leitura

⁵ Expressão muito utilizada pelos estudiosos do ensino-aprendizagem da Geografia Escolar para reforçar o sentimento de identidade do aluno com o lugar onde vive.

especializada do lugar e dos acontecimentos que nele se operam” (CASTELLAR, 2005, 211).

Neste sentido, Callai (2005) expõe que a importância da Cartografia no ensino de Geografia reside no fato de ser uma forma de fazer a leitura do mundo é fazê-lo pela leitura do espaço, o qual trás em si todas as marcas da vida dos Homens.

Ao longo da História, como foi dito por Martinelli (2003) os produtos cartográficos sempre estiveram ligados às classes dominantes. No entanto, hoje se verifica uma forte disseminação (de mapas, cartas, imagens de satélites, fotografia aéreas) pelos meios de comunicação, impresso, televisionado. Muitos mapas são encontrados também nos livros didáticos. Ou seja, os mapas se tornaram muito comuns.

Mas, não se pode confundir a facilidade ao acesso com o fato de realmente saber ler e interpretar um mapa, saber ver um mapa. O mapa é uma das formas de representação do espaço geográfico. No entanto, a cultura do livro didático consagrou os assuntos tratados na a disciplina de geografia, os mapas são geralmente tratados somente para ilustração dos fenômenos, ou apenas localização. Isso se deve, entre outros motivos, porque a cartografia tratada em sala de aula ficou restrita a uma determinada série, num determinado capítulo do livro didático, não sendo discutida ao longo da vida escolar dos alunos.

Neste sentido, Lacoste (2007) quando fala da geografia dos estados maiores (as grandes empresas e os países), ressaltando que estes conhecem e planejam o espaço, utilizando os produtos cartográficos para isso, evidencia também a importância deste conhecimento através da geografia escolar.

Para tanto a aproximação de uma compreensão mais apurada do espaço geográfico está dentro da Formação socioespacial. Embasado na obra de Marx, Milton Santos acrescenta à Formação Econômica e Social, daquele autor, a questão espacial. Assim, Santos (2008) diz parecer

a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida para o espaço. Esta categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais freqüentemente lhes provém o impulso. A própria base da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta (SANTOS, 2008, 22).

As categorias de análise espacial discutidas por Santos (2008 b) são fundamentos teóricos e metodológicos para discussão, compreensão e explicação do objeto da ciência geográfica. Neste sentido, dominá-las é crucial para conhecer e intervir no espaço geográfico.

Caminhando ao encontro dessas idéias, as de dominar essas categorias, as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN's) ficam muitas vezes no plano somente no plano teórico pois, geralmente, os professores são formados a partir da geografia, os livros abordam os conhecimentos em gavetas (o clima, a vegetação, a indústria, a população, etc). Da mesma forma, são tratados os conceitos geográficos.

Para incentivar a produção de materiais ao estudo do espaço vivido, os Parâmetros Curriculares Nacional têm proposto, para os municípios, a elaboração de materiais desta estirpe.

Assim as propostas dos PCN's de Geografia para o estudo do lugar são:

O lugar como experiência vivida dos homens com o território e paisagens; O imaginário e as representações da vida cotidiana: o significado das coisas e dos lugares unindo e separando pessoas; O lugar como espaço vivido mediato e imediato dos homens na interação com o mundo; O mundo como uma pluralidade de lugares interagindo entre si; A cidadania como a consciência de pertencer e interagir e sentir-se integrado com pessoas e os lugares; O drama do imigrante na ruptura com o lugar de origem tanto do campo como da cidade; A segregação socioeconômica e cultural como fator de exclusão social e estímulo à criminalidade nas cidades (BRASIL, 1998, 60).

No entanto, a partir uma análise no ambiente escolar, verifica-se a ausência da concretude destes incentivos. Eles ficaram somente no plano da proposta, o real incentivo (financeiro) aos municípios não foi concretizado. Ficando esta tarefa na responsabilidade da figura do professor, como muito enfatizado nos PCN's ("ao cargo do professor").

No sentido de atenuar o efeito causado pela ausência de materiais didáticos e discussão geográfica que levem em consideração o espaço vivido, no ambiente escolar deve-se integrado ao conteúdo letivo a Formação Socioespacial do jardim Ângela com finalidade de apresentar os conceitos e temas geográficos.

Assim, a formação do distrito do jardim Ângela está umbilicalmente ligada ao "boom" do crescimento econômico experimentado pelo Brasil no Governo de Juscelino Kubitschek e, subseqüentemente, no início do período militar. Foi neste período que ocorreu um processo intenso de migração. É neste contexto, que começam surgir com maior intensidade as ocupação irregular empurradas para as periferias, principalmente por conta das especulações imobiliárias.

Atualmente, verificam-se os reflexos da globalização perversa analisada por Santos (2009) incrustados no espaço.

A crise financeira ocorrida nos EUA em finais de 2008 tem seus reflexos espaciais, os quais são vivenciados diariamente pelos alunos. É, portanto, relevante mostrá-los que diante desta crise, as multinacionais demitiram em massa seus funcionários nos países subdesenvolvidos. No Brasil, pode-se observar, por exemplo, que a General Motors(GM) – juntamente com empresas do setor automobilístico e empresas os fornecem matéria-prima – demitiram uma enorme quantidade de trabalhadores. No entanto, verificou-se que nos EUA não ocorreram essas demissões, o governo estadunidense subsidiou alguns bilhões para não haver a quebra da GM. Isso é reflexo, portanto, dos imensos lucros que essas corporações adquirem nos países subdesenvolvidos.

Os reflexos desses processos estão incrustados no espaço, fazendo parte, por conseguinte das vivências dos alunos. Assim, observou-se que concomitantemente com a crise financeira ocorreu um aumento dos trabalhos informais. Nesse sentido, vê-se em diversos sub-centros do distrito do jardim Ângela vários trabalhadores, que diariamente, principalmente em horários de “pico” – o movimento pendular de retorno para casa -, vendem milhos assados, churrasquinhos, verduras em carrinhos-de-mão, DVD’s e CD’s reproduzidos sem autorização das gravadoras (chamados de “piratas”). Isso é acrescido pelos sem número de bares abertos “ilegalmente”, além de mini-mercados, mercearias, padarias, lanchonetes, casas de materiais para construção, papelarias, etc.

Diante disso, é igualmente necessário, dentro desta formação socioespacial, compreender os sujeitos que atuaram na produção do espaço, as intervenções do poder público, a formação do bairros bem como os movimentos sociais na criação dos bairros (os movimentos por moradias, por creches, por postos de saúde, por transporte coletivo, entre outros). Assim, compreender a evolução urbana, a especulação imobiliária, a segregação socioespacial, o lugar, o processo de conurbação com as cidades de próximas.

Essa compreensão, portanto, caminha no mesmo sentido da aquisição de uma maior autonomia do aluno perante o espaço, uma vez que a intervenção propositiva neste mesmo espaço só ocorre quando se conhece os processos de sua produção, uma visão do todo. Então é necessário um ensino que valorize o processo de aprender a pensar e reconhecer o espaço geográfico, onde deve ser valorizado a cartografia instrumento para saber agir neste espaço.

Metodologia

Para a realização deste trabalho busca-se fazer um levantamento bibliográfico sobre a Formação Socioespacial do Jardim Ângela, assim como será buscado também a bibliografia específica para a discussão geográfica acerca das categorias de análise desta ciência, as quais servirão de base para a elaboração dos materiais didáticos que se pretende, bem como da elaboração da dissertação.

Outra parte está na investigação e levantamento dos documentos cartográficos (mapas, fotografias aéreas, imagens de satélite) sobre o distrito que se quer estudar, na prefeitura e subprefeitura, Instituto Geográfico e Cartográfico (IGC), Secretaria Municipal de Planejamento de São Paulo (SEMPPLA).

Após serem realizadas entrevistas com moradores dos bairros, juntamente com o levantamento de registros fotográficos dos bairros em períodos anteriores, serão elaborados mapas temáticos, maquetes, bem como materiais escritos.

Considerações finais

Os estudos realizados em ambiente escolar e também através das referências bibliográficas têm mostrado que, mesmo tendo ocorrido um avanço significativo nas discussões acerca da Cartografia Escolar, ainda há muito por caminhar.

Por isso, nosso caminho tem sido no sentido de ampliar a construção do conhecimento a sobre o espaço vivido pelo aluno, para a partir disso este se entenda enquanto sujeito do mundo, para que suas ações sejam propositivas.

Referências bibliográfica

ALMEIDA, R.D.; PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. Contexto, São Paulo, 1986.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, 2005, p. 227-247. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais : geografia** /Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília : MEC/SEF, 156 , 1998.

FONSECA, Fernanda P. **A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia**: análise das discussões sobre o papel da Cartografia. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 2007.

MARTINELLI, M. **As representações gráficas da Geografia: os mapas temáticos**. São Paulo, Edição do autor, 1999.

RICHTER, D. **professor(a), para que serve este ponto aqui no mapa?: a construção das noções espaciais e o ensino da cartografia na formação do(a) Pedagogo(a)**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, Presidente Prudente, 2004.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7 ed. São Paulo, Edusp, 2007.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. 1 ed. 1. reimpressão. São Paulo, Edusp, 2008.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. Ed. São Paulo, Edusp, 2008 b.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. Ed. Rio de Janeiro, Record, 2009.